



Operadora de energia elétrica ligada a grupo estatal de Moscou suspende fornecimento de eletricidade para o vizinho nórdico, após Helsinque anunciar desejo de aderir à Otan. Turquia promete barrar novos integrantes na aliança militar ocidental

Rússia retalia a Finlândia

» RODRIGO CRAVEIRO

A partir de hoje, a Finlândia deixará de receber o suprimento de energia elétrica importado da Rússia. “Somos forçados a suspender a importação de eletricidade a partir de 14 de maio”, informou a operadora RAO Nordic, filial do grupo estatal russo Inter-RAO, com sede em Helsinque. “A RAO Nordic não tem capacidade de fazer pagamentos pela eletricidade importada da Rússia”, explicou a companhia. A decisão ocorre um dia depois de Moscou prometer retaliações ao anúncio da Finlândia de oficializar a candidatura para adesão à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) — uma guinada na neutralidade que vigorava desde a Segunda Guerra Mundial.

Ao mesmo tempo, a Turquia se manifestou contrária à entrada de Finlândia e Suécia na aliança, sob a justificativa de que ambos se tornaram “casas de hóspedes” para organizações separatistas curdas. A Rússia trava uma guerra na Ucrânia, que chegou hoje ao 80º dia sem avanços.

Henri Vanhanen, conselheiro de política externa do Partido de Coalizão Nacional (principal grupo de oposição da Finlândia), afirmou ao **Correio** que a decisão da Rússia de cortar o abastecimento de eletricidade aos finlandeses era “esperada”. “Isso não ameaçará as reservas nacionais. Um próximo passo em potencial pode ser a interrupção das exportações de gás. Isso também não seria algo demais para Helsinque lidar”, comentou.

Segundo Vanhanen, o suprimento de eletricidade russa responde por 10% do total consumido pela Finlândia. Ele aponta que substituições podem vir da Suécia e, parcialmente, da produção doméstica. “Houve preparativos para a cessação das importações do gás natural russo. Mas, o produto representou apenas 5% do total de consumo de energia pela Finlândia em 2021. O gás pode facilmente ser substituído por outros combustíveis, ainda que campos industriais na Finlândia sejam atingidos”, disse.

O presidente dos EUA, Joe Biden, conversou por meia hora com a premiê da Suécia,

Lauri Heino/Lehtikuva/AFP



Reservistas finlandeses da Brigada Karelia praticam tiro ao alvo em Taipalsaari, perto da fronteira russa

Magdalena Andersson, e com o presidente da Finlândia, Sali Niinistö. Os dois líderes reforçaram a Biden o desejo de aderirem à Otan. Em nota, a Casa Branca informou que os três debateram a cooperação em defesa e em segurança, além dos esforços para o fortalecimento da segurança transatlântica. Biden destacou

que os dois países nórdicos têm o apoio de Washington ao direito de decidirem o próprio futuro, a política externa e arranjos na área da segurança.

Esclarecimento

Após a ameaça do presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, de

ameaçar vetar a adesão da Finlândia e da Suécia à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), a Casa Branca “trabalha para esclarecer a posição” da Turquia, de acordo com a porta-voz da Presidência dos EUA, Jen Psaki. “Os Estados Unidos querem compreender melhor a posição da Turquia”, declarou John

Kirby, porta-voz do Pentágono, ao frisar que “Ancara é um aliado valioso da Otan”.

Em entrevista ao **Correio**, o embaixador da Turquia em Brasília, Murat Yavuz Ates, explicou que seu país é um importante membro da aliança militar ocidental e que, como rege o Tratado do Atlântico Norte, todos os integrantes da organização têm poder de veto sobre a adesão de outros Estados. “Assim, esses dois países não podem se tornar membros da Otan sem a aprovação da Turquia.”

Ates acrescentou que a Turquia acompanha de perto os desdobramentos sobre as candidaturas finlandesa e sueca. “No momento, nossa avaliação não é muito positiva. Nosso presidente (Erdogan) fez uma declaração criticando Helsinque e Estocolmo por darem suporte a organizações terroristas, como o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) e o Partido da Frente Libertação Popular Revolucionária (DHKP-C), pois ambos abrigam seus integrantes. Isso não é uma crítica recente”, admitiu o embaixador turco.

ORIENTE MÉDIO

Israel reprime funeral de jornalista

Todas as câmeras focalizavam o caixão que carregava o corpo da palestino-americana Shireen Abu Akleh, 51 anos, a jornalista da rede de tevê Al-Jazeera assassinada com um tiro na cabeça, na manhã de quarta-feira, durante uma operação militar israelense no campo de refugiados de Jenin, na Cisjordânia. Investigações preliminares foram incapazes de determinar de onde partiu o tiro que matou a repórter. Um clima de tensão envolveu o cortejo fúnebre de Shireen. Sob a alegação de terem sido apedrejadas, as forças de Israel

avançaram contra a multidão, chutaram e golpearam palestinos com cassetetes, quase derubando o caixão. A Casa Branca classificou a violência como “profundamente perturbadora”. Horas depois do enterro, Nida Ibrahim — colega de Shireen no escritório da Al-Jazeera em Ramallah (Cisjordânia) e correspondente da emissora na Palestina — falou ao **Correio**. “Shireen era um ícone que se tornou lenda. Isso foi claramente demonstrado pelo número de pessoas no funeral. Ela sempre teve orgulho de ser chamada de filha de

Jerusalém. Milhares foram à despedida de Shireen, algo nunca antes visto por aqui. Israel sempre dificulta para as pessoas que tentam sepultar seus entes queridos”, disse.

Segundo Nida, a polícia israelense atacou os presentes somente porque carregavam o caixão do lado de fora do hospital. “Os militares agrediram as pessoas por terem colocado uma bandeira da Autoridade Palestina sobre o caixão e chegaram a removê-la. Uma foto enviada à reportagem por Nida mostra cartazes espalhados pelo escritório da

Al-Jazeera. Traziam a foto de Shireen e as mensagens “A cobertura continuará” e “Mártir da verdade”. Na sala da jornalista morta, três coroas de flores e uma foto sobre a mesa vazia.

Ibrahim Alzeben, embaixador palestino em Brasília, afirmou ao **Correio** que Shireen tornou-se um ícone da luta de seu povo e da imprensa livre. Em relação à repressão durante o cortejo fúnebre da jornalista, o diplomata salientou que o comportamento israelense não é novo. “A novidade está no fato de a imprensa conseguir mostrar a cara feia

Ahmad Gharabli/AFP



Policiais avançam contra cortejo da repórter da Al-Jazeera, em Jerusalém

da ocupação desta vez. Aprendemos duas lições com o que aconteceu: a insistência do povo palestino em obter seus direitos, em

preservar a própria dignidade e a de seus mártires; e a feitura da ocupação israelense e sua barbárie indescritível.” (RC)

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Biden descobre outra América

Faltam ainda três semanas, mas a Cúpula das Américas, marcada para 6 a 10 de junho, em Los Angeles, será um teste para o anfitrião. Com o primeiro ano de mandato atropelado pela pandemia, sob as restrições incontroláveis para o exercício da diplomacia face a face, Joe Biden terá o primeiro contato pessoal e direto com a realidade política do continente.

Em meio aos preparativos, o Departamento de Estado sinaliza com prioridade para uma abordagem alinhada ao eixo até aqui fundamental da política externa do presidente: democracia versus autocracia. É a linha demarcada nas relações com a Rússia e a China. É também o critério pelo qual Cuba, Venezuela e Nicarágua não receberam convite para o encontro.

Mas o time dos ausentes pode não se limitar ao trio de regimes de esquerda que Washington enquadrava em seu “eixo do mal”. Ao contrário, a exclusão dos desafetos se anuncia, por antecipação, como fator de discordância. E ilustra os desafios que Biden enfrentará, na segunda metade do mandato,

para colocar em prática as diretrizes traçadas para o Hemisfério Ocidental — a nomenclatura usada pela diplomacia americana para designar o continente.

Naquela mesa...

De saída, o presidente do México, Andrés Manuel López Obrador, declarou que não irá a Los Angeles se algum governo da região ficar de fora. AMLO, como é chamado pelos mexicanos, é o primeiro político de esquerda a governar o país. Eleito em 2018, para um mandato de seis anos, priorizou a situação tensa na fronteira com os EUA, às voltas com a promessa eleitoral — não cumprida, afinal — de Donald Trump de erguer um muro para conter a entrada ilegal de imigrantes. Agora, trata de construir pontes com Biden, que terá como contraparte até o fim de seu período.

Por razões distintas, também o Brasil poderá optar por uma delegação de escalão inferior ao de chefe de Estado. Jair Bolsonaro, segundo transpira entre o Planalto e o Itamaraty, estaria

“considerando” a possibilidade de não ir à Cúpula das Américas.

Caso o “bolo” se confirme, ficará para outra ocasião o primeiro encontro do presidente brasileiro com o colega americano, que adota uma política de “morde e assopra” com Bolsonaro, cabo eleitoral notório de Donald Trump, derrotado em 2020 na tentativa de conquistar o segundo mandato.

Como no conhecido samba composto por Sérgio Bittencourt em homenagem ao pai, Jacob do Bandolim, na mesa da IX Cúpula das Américas estarão faltando as duas maiores economias da América Latina.

Saia justa

Embora o convite aos participantes seja prerrogativa do país anfitrião, a Cúpula das Américas tem sido um exercício de flexibilidade por parte dos organizadores desde a primeira edição, nos EUA, em 1994. Idealizado por Bill Clinton, como plataforma de lançamento para a (por fim, frustrada) Área de Livre

Comércio das Américas (Alca), o encontro entre os líderes do continente tem uma história feita também de “desencontros” cuidadosamente preparados.

Em mais de uma ocasião, a agenda dos pronunciamentos e até da chegada e partida dos presidentes foi montada de maneira a evitar situações constrangedoras. Em especial, um cara a cara entre o titular da Casa Branca e Fidel Castro ou Hugo Chávez. Ainda assim, a cúpula de 2015, no Panamá, foi marcada pelo histórico aperto de mãos entre Barack Obama e Raúl Castro, irmão e sucessor de Fidel. Naquele mesmo ano, Washington e Havana reataram relações diplomáticas depois de meio século.

Tensão pré-eleitoral

Pela perspectiva da Casa Branca e do Departamento de Estado, a reunião de Los Angeles será conduzida na expectativa algo ansiosa pelo desfecho de dois processos eleitorais de peso inestimável no cenário político sul-americano. Uma semana antes, a Colômbia vai às urnas para o primeiro turno da disputa presidencial. Até aqui, uma das poucas certezas é que será necessário um segundo turno. E a grande novidade é que o líder nas pesquisas, Gustavo Petro, chega com

chances de levar a esquerda pela primeira vez ao Palácio de Nariño.

Se a Colômbia é aliado estratégico do ponto de vista militar, Washington tem razões de sobra para acompanhar com atenção máxima o desenrolar da campanha pelo Palácio do Planalto. Em particular, Biden e o secretário de Estado, Antony Blinken, se debruçam sobre o dilema desenhado pelas pesquisas: salvo por uma reviravolta a cada dia menos provável, a decisão ficará entre Bolsonaro e Lula.

O atual presidente se afigura como parceiro instável e relutante, mas o ex que ensaia o retorno ao palácio traz lembranças contrastantes. Lula, nos oito anos de governo, manteve relação pessoal fluida com George W. Bush. Chegou a ser chamado por Obama de “o cara”, embora o charme tenha durado pouco. Mas foi também ele quem, ao lado de Chávez e do argentino Néstor Kirchner, enterrou o projeto da Alca. Os três foram, igualmente, artífices da reintegração plena de Cuba ao cenário diplomático regional — incluindo a revogação da resolução pela qual o regime de Havana tinha sido excluído da Organização dos Estados Americanos (OEA), em 1962.

Até hoje, nem Raúl Castro nem o sucessor, Miguel Díaz-Canel, solicitaram o reingresso.